

EDUCAÇÃO EMOCIONAL: UM NOVO PARADIGMA PARA A INCLUSÃO E O EMPODERAMENTO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Maria Bianca da Silva Souza (Autora); Caroline Cunha Aranha (Co-autora); Keliane Lachietti Vieira de Melo (Co-autora) Taísa Caldas Dantas (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba, maria-biancapb@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, caroline.aranha@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, kelilachietti@outlook.com; Universidade Federal da Paraíba, taísa.cd@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a educação emocional pode contribuir para o empoderamento das pessoas com deficiência. Busca-se através desse projeto averiguar como a educação emocional pode levar as pessoas com deficiência a vivenciarem um processo de empoderamento em suas vidas e tornarem-se protagonistas das suas histórias.

O nosso ambiente social reflete o quanto a exclusão de pessoas com deficiência ainda cresce gradativamente. É importante enfatizar que essa exclusão não surgiu de agora, mas de muito tempo atrás. Até a década de 70, esse grupo social era visto sob a ótica modelo do médico-patológico, de forma que as pessoas que apresentavam deficiências eram escanteadas do convívio social, vistas como “anormais” e como pessoas que deveriam ser ‘curadas’. (GODOY, 2002).

A concepção médico-patológica, na qual está enraizada a educação das pessoas com deficiência desde o século XIX e que traz consequências até hoje para a vida delas, caracterizam as pessoas com deficiência como pessoas que têm problemas físicos que precisam ser curados, tratando-as como “doentes e incapazes” em relação ao modelo de ‘normalidade’ (GODOY, 2002). Por meio disto, acabou sendo construída no senso comum a ideia de que a incapacidade e a improdutividade fazem parte da constituição das pessoas com deficiência, proliferando o preconceito e a discriminação contra esse grupo (FERREIRA, 2004).

Devido a essas questões, a própria pessoa com deficiência passa a acreditar que realmente não é capaz, e aceita o “posto” de improdutividade que lhe é atribuído, de ter que depender sempre do outro para realizar as atividades do seu dia a dia e até mesmo no ato de fazer suas próprias escolhas. Logo, isso permite que as pessoas com deficiência não percebam que possuem a capacidade de tomar decisões, de alcançar seus objetivos, de participar, de reivindicar, de comunicar-se e de ser o líder da sua própria vida (GOODLEY 2005).

A educação emocional é um campo que objetiva desenvolver o processo de capacidade e potencialidade, contribuindo para um melhor conhecimento de si mesmo, o que potencializa sua capacidade de gerir suas emoções contribuindo para o bem-estar pessoal e social. Além disso, a educação emocional é compreendida como um processo educativo, contínuo e permanente, que

pretende maximizar o desenvolvimento emocional como complemento indispensável do desenvolvimento cognitivo, constituindo elementos essenciais do desenvolvimento integral da personalidade (BISQUERRA, 2000).

A combinação entre aprendizagem e emoção, de maneira geral, sempre foi colocada à margem das teorias pedagógicas. No decorrer da história foi sendo construído um educar anti-emocional, arquitetado para o ser racional e não emocional. A Educação Emocional caminha para a construção de uma educação que valoriza o mundo individual de cada ser humano e nos permite viver melhor (CASSASSUS, 2009). No primeiro passo, o essencial é o conhecimento do seu próprio mundo emocional, é fazer o aprendizado de suas emoções, é descobrir a si mesmo.

Através da EE, a pessoa com deficiência será capaz de se conhecer, de conhecer suas capacidades, desenvolver habilidades para a regulação das próprias emoções, prevenir os efeitos prejudiciais que algumas situações discriminatórias carregam, colaborar com o desenvolvimento de emoções que promovam o bem-estar, dentre outros. Isto os ajudará e os levará a definir seus objetivos, planejar suas atividades, opinar, e até mesmo realizar as escolhas que parecem as mais simples, porém são importantes, como decidir o que se quer vestir ou comer. (VALLÉS, 2003).

O empoderamento considerado por Sasaki (2004, p.11) é o termo que se refere ao “[...] processo pelo qual uma pessoa, ou um grupo de pessoas, usa seu poder pessoal inerente à sua condição- por exemplo: deficiência, gênero, idade, cor – para fazer escolhas e tomar decisões, assumindo assim o controle de sua vida”. Esse termo foi ouvido pela primeira vez no início dos anos de 1970 ainda no original inglês *empowerment* pelos movimentos feministas e pelos negros. Apenas no meio da década de 1970, este termo chegou ao Brasil. (GOODLEY, 2005). O empoderamento pode trazer como resultado o aprofundamento da democracia por várias razões, uma delas é o indivíduo como protagonista de sua própria história. Por isso, a importância das pessoas com deficiência passarem por um processo de empoderamento, para que a partir dessa aquisição percebam que são capazes de se tornar líderes de suas vidas.

A Educação Emocional tem um papel fundamental para a promoção do bem-estar e do empoderamento das pessoas. Por meio deste, as pessoas com deficiência poderão perceber que são produtivas, que podem ocupar cargos importantes e que podem tomar decisões. Quando o poder de independência é retirado do ser humano, os outros passam a tomar conta da nossa vida, deixamos de decidir aquilo que queremos e sempre ocupamos o ‘cargo’ da passividade. Logo, acabamos sendo impedidos de tomar decisões que consideramos relevantes, perdemos o desejo de lutar por coisas que almejamos e nos acostumamos com o fato do outro realizar tudo por nós. Porém, isso tudo

muda com a conquista do empoderamento por meio da EE que evitará todas essas ações passivas, posicionando a pessoa com deficiência como líder de sua vida.

O empoderamento relaciona-se diretamente com o conceito de resiliência, definido por Goodley (2005, p. 13) como “a capacidade humana de resistir à opressão, desafiando a tendência de subestimar as pessoas com o rótulo de “deficientes””. É nesse sentido que a educação emocional torna-se um aporte fundamental para o empoderamento, pois ao se conscientizarem da condição em que estão imersos, os sujeitos conseguem construir estratégias de resistência a partir da valorização de si e da construção de uma identidade própria que acontece a partir do conhecimento de suas próprias emoções e sentimentos.

Tendo em vista esses rótulos impostos pela sociedade, as suas emoções são afetadas por meio da não possibilidade de as pessoas com deficiência serem advogadas de si mesmo (PINTO, 1998). Por isso a contribuição da educação emocional é de suma importância para esses indivíduos, pois por meio do conhecimento a respeito das emoções gerará a consciência de quem são e dessa forma poderão gerir melhor a si mesmos.

A operacionalização deste projeto se deu através de uma série de ações. Na primeira etapa, de natureza exploratória, foram feitas visitas à FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência para aplicar um questionário aberto denominado “Diário das Emoções” com perguntas sobre quais as situações que fazem com que o respondente sinta uma determinada emoção (medo, raiva, alegria, dentre outras), solicitando uma descrição do evento. Cada página do Diário corresponde a uma emoção. O questionário foi construído e aplicado pela equipe do projeto, constituída por alunos/as e pesquisadores em educação. Essa metodologia tem o objetivo de beneficiar o desenvolvimento de competências emocionais, tais como: consciência emocional; regulação das emoções; motivação e habilidade sócio emocional.

Este trabalho de extensão desenvolvido pelo projeto de pesquisa sobre Educação e Emocionalidade da Universidade Federal da Paraíba e teve sua aplicação na Escola Ana Paula Ribeiro Barboza Lira, localizada dentro da FUNAD, estudando e analisando especificamente o público com deficiência auditiva. Foram realizadas visitas a instituição para observar e vivenciar juntos o dia a dia dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA, a fim de conhecer melhor suas necessidades, desempenhos e desafios enfrentados em sala de aula.

Após a observação da rotina das pessoas com deficiência auditiva em sala, foi aplicado o “Diário das Emoções” com os estudantes, houve uma adaptação do material por meio de uma mediação pedagógica, através da qual foi possível que os mesmos respondessem por meio de

desenhos, libras e até mesmo da própria língua portuguesa. Além disso, contamos com o auxílio de uma intérprete proporcionando uma maior interação e compreensão sobre a atividade, sempre deixando os/as alunos/as livres para responder o que de fato estavam sentindo ou achavam sobre as emoções.

Ao realizar a tabulação dos dados coletados, foi observado que 50% dos estudantes não apresentavam um autoconhecimento nem conheciam as emoções que sentiam. Emoções como por exemplo, inveja, nojo e tristeza foram incompreendidas pelos estudantes. Mesmo através da mediação explicando o que essas emoções significavam e o que geravam, ainda assim eram difíceis de serem entendidas e postas em papel se elas ocorriam ou não em suas rotinas. Além disso, foi possível observar que alguns alunos/as não frequentavam determinadas aulas e preferiam passar dentro da instituição demonstrando um sentimento de liberdade que habitualmente não é permitido pelos pais.

Através dessa análise foi visto a necessidade de trabalhar a educação emocional com esse público, no sentido de proporcionar um conhecimento sobre as emoções que sentem. É importante destacar a utilização de atividades práticas através das vivências, pois estas favorecem o fortalecimento da alma e do corpo na medida em que permite experimentar as emoções e sentimentos relacionados com o que é proposto, resgatando memórias e sensações armazenadas em nosso ser e possibilitando a emergência de uma nova leitura dos fatos vivenciados, o que leva consequentemente, ao empoderamento.

Referências:

BISQUERRA, Rafael Alzina. **Educación Emocional y Bienstar**. Espanã. WolterKluwerEducación. 2000.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livros Editora, 2009.

FERREIRA, Windyz Brazão. **Invisibilidade, crenças e rótulos**: reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE SÍNDROME DE DOWN FAMÍLIA, AGENTE DA INCLUSÃO, Salvador, 09 a 11 de setembro, 2004. **Anais...** Salvador: Federação da Síndrome de Down, 2004.

GODOY, H. P. **Inclusão de alunos portadores de deficiência no ensino regular paulista**: recomendações internacionais e normas oficiais. São Paulo: Mackenzie, 2002.

GOODLEY, Dan. **Empowerment, self-advocacy and resilience**. Disponível em: <<http://jid.sagepub.com/>> Acesso em: 01 de novembro de 2013.

PINTO, Carla. Empowerment, uma prática de serviço social. In: BARATA (coord.). **Política Social**. Lisboa: 1998, ISCSP, pp. 247-264.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida independente: na era da sociedade inclusiva**. São Paulo, 2004.

VALLÉS, A. y Vallés, C. (2003). La autorregulación para el afrontamiento emocional. En Vallés, A. y Vallés, C. (2003). *Psicopedagogía de la Inteligencia Emocional*. Valencia: Promolibro.